

UMA PÁGINA DA HISTÓRIA DE ANGOLA. MORTE DE MUTU-YA-KEVELA E ANIQUILAMENTO DA REVOLTA DO BAILUNDO (1902) NUMA LEITURA DO *RELATÓRIO DO TENENTE PAIS BRANDÃO*

António Faria

O objectivo deste trabalho é proceder a uma leitura do *Relatório* elaborado pelo tenente Pais Brandão no qual é descrita a morte de Mutu-ya-Kevela e, em consequência disso, o fim da Revolta do Bailundo, no Planalto Central de Angola. Mais do que a narrativa militar e a matéria dos telegramas do Governador-Geral para Lisboa e dos relatórios de outros comandantes militares, constantes na documentação avulsa do Arquivo Histórico Ultramarino, interessou-me delimitar apenas um pequeno conflito¹.

O tenente Pais Brandão, mandado deter a revolta de Mutu ya Kevela com uma pequena força militar, esteve poucos meses na região do Bailundo².

O seu relatório *Campanha do Bailundo* está dividido em três capítulos:

- I – Organização da expedição e descrição da marcha;
- II – Estacionamento e serviços;
- III – Marcha de regresso.

¹ As notas foram recolhidas de uma cópia do documento existente no Arquivo Histórico Ultramarino, com o nº 398, pasta nº 2, dos "Gerais Militares" com o título *Campanha do Bailundo. Relatório do Tenente Pais Brandão*, constantes nos Gerais Militares, páginas 111 a 113. Essa cópia em papel almaço pautado existiu outrora na Biblioteca do Museu Municipal de Nova Lisboa, hoje Huambo.

² A "Coluna do Libolo" comandada pelo tenente Pais Brandão era constituída pelo tenente Joaquim Gonçalves, o alferes Carlos de Noronha Montanha, dois sargentos, trinta e oito cabos e soldados de primeira linha, um sargento e trinta e seis soldados de segunda linha, um sargento enfermeiro.

Apresenta ainda uma conclusão, documentos anexos e uma relação dos refugiados na fortaleza durante o seu comando.

Numa obra de autor anónimo intitulada *História de Angola*, publicada no Porto há duas décadas atrás, levantavam-se algumas dúvidas sobre o destino desse chefe militar Mutu-ya-Kevela, palanca (ministro) do soba (rei) Calundula.

Bello de Almeida refere que o conflito no Bailundo deflagrou por razões pouco habituais num conflito armado que arrastou vários reinos do Planalto³

O rei Calundula foi mandado prender pelo capitão Teixeira da Silva. Tal acto motivou a retirada da população para a serra do Bimbe, a partir de onde se desencadeou a revolta. Foram tomados vários postos comerciais e contactados reis das regiões vizinhas. Concentraram-se essas forças em 1902 para conquistar a fortaleza do Bailundo que protegia a vila de Catepe.

A capitania-mor do Bailundo existiu a partir de 1891 e resultou da divisão da capitania-mor do Bié, sendo o seu primeiro capitão-mor o capitão Teixeira da Silva. Ocupava toda uma vasta zona geográfica do Huambo, de Benguela e de Cuanza-Sul. Estavam-lhe adstritos os postos militares de Balombo, Huambo, Luimbale, Galangue, Cassongue e Sambo.

Contra a revolta do Bailundo foram enviadas três colunas militares. A "Coluna do Libolo" comandada pelo tenente Pais Brandão que foi organizada no posto de Libolo; a "Coluna do Norte" sob o comando do capitão Massano de Amorim que partiu de Benguela seguindo pelo Bocoio e Luimbale; a "Coluna do Sul" do capitão Teixeira Moutinho que se concentrou em Caconda e dali partiu para o Huambo.

Terminado o levantamento armado foram construídos vários redutos militares em diversos pontos estratégicos do planalto nos quais, a par das competências militares, os comandantes passaram a exercer funções do foro civil.

Mais tarde, as lendas contaram que Mutu-ya-Kevela foi preso e lançado num caldeirão de água a ferver para que cozesse, mas ele saiu ileso, a rir dos que o rodeavam – porque ele era como a abóbora gelada, encaroçada que, por mais fervida que seja, não coze.

Daí o nome de Mutu-ya-Kevela, insubmisso, indomável até ao fim, na versão lendária, o homem que permaneceu na memória das gentes do Planalto como no tempo em que organizou a retirada para as montanhas do Bimbe, até voltar ao Bailundo e aí se anunciar, tal como prometera, com dois tiros diante da fortaleza, para logo iniciar o movimento de ataque a fim de a conquistar, como havia prometido dois anos antes.

A lenda é o que sobra da pequenez e do isolamento do homem perante a montanha ou o que se conta para suportar a ignorância de tudo o que nos aflige.

³ "A falta de pagamento de umas ancoretas de aguardente para festejar a elevação ao sobado de um novo soba, foi a faúlha que produziu a explosão de rebeldia entre as tribus do Bailundo, ameaçando alastrar ao Bié e ao Moxico", Bello de Almeida, *Meio Século de Lutas no Ultramar*, Lisboa, Sociedade de Geografia, 1937.

Na linguagem do *Relatório* consta assim:

"Às oito horas e vinte minutos chegava a coluna ainda em linha desenvolvida e a marche-marche, ao acampamento inimigo que recuara espavorido atravessando o rio Luvo numa outra ponte, cortando para Norte com o fim muito visível e para mim previsto de atravessar novamente a ponte oculta e atacar-me pela rectaguarda, mas próximo desta ponte estava emboscado o segundo pelotão do comando do tenente Joaquim da Silva Gonçalves e o qual rompendo o fogo pôs o gentio em debandada mais pela surpresa do que pelas baixas: todavia ficou um grupo de gentio com o chefe principal da revolta Mutu Aquebera à frente, tentando um supremo esforço, tentativa frustrada porque é visado a menos de cem metros pelo soldado nº 34 da 1ª Companhia do extinto Batalhão de Caçadores nº 3, Mateus Bartolomeu da Costa que, com a máxima paz de espírito lhe despedaçou o osso frontal com uma bala; em seguida é derribado o importante seculo Cacuata e o gentio desaparece quase por encanto"⁴.

É esta a descrição da morte de Mutu-ya-Kevela feita pelo tenente Pais Brandão, comandante da "Coluna do Libolo", enviado ao Bailundo para pôr termo à rebelião. Essa coluna saiu do forte do Libolo e era constituída por soldados, degredados e "gente de guerra preta".

Mas para além das manifestações de regozijo dos soldados face à vitória na ponte do rio Luvo e ao anúncio da morte do organizador da Revolta do Bailundo, havia que fazer prova disso.

Pais Brandão descreve:

"Após esta cena que jamais esquecerei e que é um pouco evidente no que no soldado africano disciplinado e instruído nos deveres militares e táticos temos elemento real e de valor ainda nas circunstâncias mais críticas, mandei decapitar o famoso chefe e cortar a perna em cujo pé tinha alguns dedos defeituosos, não para dar largas a ódios ou exercer represálias mas para proceder ao reconhecimento do cadáver, visto me ser impossível transportá-lo completo".

O *Relatório* do comandante da coluna prossegue:

"O reconhecimento fez-se na capitania perante os europeus ali refugiados e os chefes das missões católica e protestante, os quais declararam que as referidas partes pertenciam ao citado chefe, do que se lavrou o auto em triplicado"

O tenente Pais Brandão conclui:

"Feito isto iniciei a perseguição aos rebeldes, no que fui acompanhado pela Coluna do Norte e pela Coluna do Sul".

A resistência na serra do Bimbe, de onde foi dirigida a revolta e a concentração contra o Bailundo durou até 1904 e foi aniquilada pelo capitão Romeiras de Macedo.

O próprio comandante da coluna atesta que Mutu-ya-Kevela foi morto às oito horas e vinte minutos do dia 3 de Agosto de 1902, no *Relatório*

⁴ Pais Brandão, *Campanha do Bailundo*, cópia manuscrita, p. 40

manuscrito⁵. A derrota de Mutu-ya-Kevela na ponte do rio Luvo ocorreu porque Pais Brandão soube dos movimentos e do envolvimento que chegou a ser iniciado para tomar o forte onde estava estacionada a "Coluna do Libolo" e se haviam refugiado os colonos das redondezas.

Como o próprio Pais Brandão revela:

"em campanha tenho eu a maior dedicação pelo serviço de informação e espionagem, e por esse motivo, toda a pessoa que me merece confiança é encarregada de me dizer tudo o que há de seu conhecimento, embora sejam cousas que parecem não merecer importância. Devido a esta minha curiosidade pedi ao padre Gaepp para me dar as informações do seu contacto com o gentio vizinho da missão, chegasse ao meu conhecimento. Foi em satisfação ao meu pedido que ele me dirigiu o bilhete que transcrevi e outros anteriores de que tirei magnífico resultado"⁶.

Pais Brandão transcreve a mensagem do padre Gaepp e o procedimento que tomou:

"Sucedeu porém que no dia 2 de tarde recebi um bilhete do padre Gaepp, cujo assunto era o seguinte: 'Sr. Brandão – Ahi vão dois rapazes que dizem ter visto os dois europeus ainda presos entre as mãos do gentio bem como o próprio acampamento de Mutu Aquebera. Pode V. mandar interrogá-los pois prontificaram-se a dar informações sobre o que viram – De V. Excia José Gaepp 2-8-902'. Chamei os dois pretos ao meu quarto e sujeitei-os a um longo interrogatório cujas respostas me satisfiziam plenamente inclusive à cerca da configuração topográfica do terreno. Mutu Aquebera tinha estabelecido acampamento para reorganizar as suas forças e para esse fim despachara, antes do ataque, dois escoteiros para Galangue, Quipeio, Sambo e outros pontos pedindo reforços"⁷.

A Revolta do Bailundo de facto cortava o acesso ao chamado *hinterland* a Leste do Planalto Central de Angola. As "colunas", foram dirigidas ao Planalto a fim de conseguir a "pacificação" necessária ao avanço do Caminho de Ferro de Benguela em direcção à fronteira demarcada por Paiva Couceiro em 1891 e decidida pelo Congresso de Berlim.

O Caminho de Ferro de Benguela era uma companhia inglesa, propriedade da Tanganhica Concessions, e ligava o porto do Lobito a Dilolo, no Katanga, onde se encontraria com o ramal da projectada linha que devia unir o Cabo ao Cairo.

Em Maio de 1899 foi constituído o monopólio British South Africa Chartered, empresa que abrangia territórios pertencentes a Portugal pelo

⁵ Idem, *Ibidem*.

⁶ Idem.

⁷ Um telegrama confidencial do Governador Geral de Angola, constante nos documentos avulsos refere: "Segundo informação Chapman numero de rebeldes em armas 60.000 a 100.000" acrescentando "É singular facto missões estrangeiras ser poupadas e faz suspeitar fomento rebelião".

acordo de Berlim. Os ingleses consideraram os protestos e a Câmara dos Pares sublinhou que os direitos dos portugueses se baseavam na descoberta, na conquista e na ocupação efectiva, na exploração comercial e constante demonstração de influência política durante séculos⁸.

Em Agosto de 1889 o ministro inglês lamentou "a intolerância das autoridades portuguesas" que nunca passaram de queixas, na prática, face ao tráfico de armas e de influências a pretexto de protecção. A exploração mineira e a construção de uma rede de caminhos de ferro eram prioridades britânicas para ligar os extremos Norte e Sul do continente africano. Tal era o projecto de Cecil Rhodes⁹.

Os ingleses contribuíram de sobremaneira para que as tropas portuguesas obtivessem uma série de vitórias militares, mas não abdicaram das terras. Logo que as fronteiras se definiram no terreno foi iniciada a construção do Caminho de Ferro de Benguela.

O engenheiro que orientou os trabalhos da ferrovia até ao Planalto foi indicado por Cecil Rhodes e o seu nome seria perpetuado em 1929 numa pequena cidade do Huambo, Caala (Vila Robert Williams).

Até ao suicídio de Silva Porto em 1890 e à "Campanha do Bié" no ano seguinte organizada por Artur de Paiva a partir da Chibia (Huila) contra o rei do Dunduma do Bié, a expansão no interior não obedecia a qualquer plano sistematizado.

João Andrade Corvo lamentava: "Grande parte dos portugueses que vão para as colónias africanas estão longe de ser os representantes da civilização europeia (...) Não recorremos aos viajantes estrangeiros para formar esta triste opinião, mas unicamente aos factos narrados por portugueses; e ao deplorável uso que temos de povoar os territórios, que são nossos, com criminosos degredados. Um dos grandes males das nossas colónias é este. Faltam verdadeiros colonos"¹⁰.

Grande parte das conclusões dos políticos de Lisboa revelam um apanhado sintético de preconceitos relativamente à vida em África e às relações sociais que aqui se estabeleciam.

O padre Carlos Duparquet, da Congregação do Espírito Santo e do Sagrado Coração de Maria, Vice-Prefeito Apostólico da Cimbebásia, enviou para a Europa um minucioso relatório sobre o Sul de Angola e o Norte da Namíbia, onde se lê:

⁸ José de Almada, *O Tratado de 1891*, Lisboa, Edições do Estado Maior do Exército, 1947.

⁹ Cf. José de Almada, *ibidem*. Cecil Rhodes era presidente da British South Africa Chartered e em 1890 foi indigitado como primeiro ministro da colónia sul africana. Os seus interesses, pode dizer-se, decidiram a capitulação de Portugal na ocupação territorial e na partilha de terras. Nenhuma resolução era tomada em Londres sem que Rhodes fosse ouvido. O seu objectivo era excluir Portugal de todo o espaço africano onde houvesse minas a explorar. As suas ordens expressas aos batedores eram no sentido de ocupar as terras que Portugal reclamava à mesa das chancelarias e que envolvem a chamada "questão do mapa cor de rosa".

¹⁰ João Andrade Corvo, *Estudos sobre as Províncias Ultramarinas*, cf. José de Almada, *op. cit.*

"Os portugueses do Humbe não têm carroças; todos os transportes daqui para Moçâmedes se fazem com o auxílio de carregadores. Estes levam 2500 reis fortes (cerca de 12 francos e 77 cêntimos) para transportar duas arrobas (60 libras) de Moçâmedes ao Cunene"¹¹.

Com a perspicácia característica denuncia também a situação dos portugueses e o tráfico de escravos:

"Os portugueses compram ainda alguns nas tribos vizinhas mas cedem-nos aos indígenas do Humbe a troco de gado. Compram cada escaravo por um barril de aguardente (cerca de 60 francos) e revendem-nos por três cabeças de gado aos indígenas do Humbe. Estes portugueses são, na sua maioria, pobres e trabalham por conta de dois negociantes de Moçâmedes, senhores Narciso e Bastos, aos quais mandam o gado em troca de mercadorias e provisões enviadas por eles"¹²

Se se acrescentar o insulto do missionário David Livingstone a Silva Porto, comerciante e representante do Governo de Lisboa no reino do Bié, depois de ter obtido do sertanejo português as informações preciosas que tanto contribuíram para criar o mito do viajante solitário, chamando-lhe "mulato" (designação pejorativa aplicada aos traficantes de escravos), decerto se compreenderá melhor que a imagem que se procurava difundir acerca dos portugueses não era famosa. Sobretudo para os compatriotas que em Lisboa só sabiam o que lhes diziam os jornais e os livros daqueles que disputavam o futuro da Europa debruçados sobre os mapas de África.

A Espanha e Portugal, ao contrário da Inglaterra, empobreceram com os monopólios, como referiu Adam Smith, para quem "as colónias não são objectos de exploração mas provincias", designação de João Andrade Corvo retomada no século XX.

Adam Smith escreve: "Os principais benefícios dos monopólios concentram-se nas mãos de pequenos grupos de negociantes e não se espalham pela nação", situação que provoca a diminuição do trabalho produtivo da terra, cria o luxo e a mania das grandezas entre os empresários, cada vez mais ricos, o que tem um efeito desmoralizador nas massas do povo, como se constata em Espanha e Portugal"¹³.

De 1885 ao fim do século XIX as rebeliões são contínuas por todo o território angolano, "fechado" pela concertação de Berlim nas fronteiras que perduraram por mais de um século. Foram enviadas colunas militares para pacificar os caçadores das anharas e os pastores das margens verdejantes, de modo a garantir a livre circulação das mercadorias por caminho de ferro.

O sistema permitido de carregadores fazia-se de forma bem mais pesada e violenta que nos antigos tempos do tráfico da escravatura. Este sistema que

¹¹ Padre Carlos Duparquet, *Viagem na Cimbebásia*, Luanda, Museu de Angola, 1953.

¹² Idem, *Ibidem*.

¹³ José de Almada, *op. cit.*

"Os portugueses do Humbe não têm carroças; todos os transportes daqui para Moçâmedes se fazem com o auxílio de carregadores. Estes levam 2500 reis fortes (cerca de 12 francos e 77 cêntimos) para transportar duas arrobas (60 libras) de Moçâmedes ao Cunene"¹¹.

Com a perspicácia característica denuncia também a situação dos portugueses e o tráfico de escravos:

"Os portugueses compram ainda alguns nas tribos vizinhas mas cedem-nos aos indígenas do Humbe a troco de gado. Compram cada escaravo por um barril de aguardente (cerca de 60 francos) e revendem-nos por três cabeças de gado aos indígenas do Humbe. Estes portugueses são, na sua maioria, pobres e trabalham por conta de dois negociantes de Moçâmedes, senhores Narciso e Bastos, aos quais mandam o gado em troca de mercadorias e provisões enviadas por eles"¹²

Se se acrescentar o insulto do missionário David Livingstone a Silva Porto, comerciante e representante do Governo de Lisboa no reino do Bié, depois de ter obtido do sertanejo português as informações preciosas que tanto contribuíram para criar o mito do viajante solitário, chamando-lhe "mulato" (designação pejorativa aplicada aos traficantes de escravos), decerto se compreenderá melhor que a imagem que se procurava difundir acerca dos portugueses não era famosa. Sobretudo para os compatriotas que em Lisboa só sabiam o que lhes diziam os jornais e os livros daqueles que disputavam o futuro da Europa debruçados sobre os mapas de África.

A Espanha e Portugal, ao contrário da Inglaterra, empobreceram com os monopólios, como referiu Adam Smith, para quem "as colónias não são objectos de exploração mas províncias", designação de João Andrade Corvo retomada no século XX.

Adam Smith escreve: "Os principais benefícios dos monopólios concentram-se nas mãos de pequenos grupos de negociantes e não se espalham pela nação", situação que provoca a diminuição do trabalho produtivo da terra, cria o luxo e a mania das grandezas entre os empresários, cada vez mais ricos, o que tem um efeito desmoralizador nas massas do povo, como se constata em Espanha e Portugal"¹³.

De 1885 ao fim do século XIX as rebeliões são contínuas por todo o território angolano, "fechado" pela concertação de Berlim nas fronteiras que perduraram por mais de um século. Foram enviadas colunas militares para pacificar os caçadores das anharas e os pastores das margens verdejantes, de modo a garantir a livre circulação das mercadorias por caminho de ferro.

O sistema permitido de carregadores fazia-se de forma bem mais pesada e violenta que nos antigos tempos do tráfico da escravatura. Este sistema que

¹¹ Padre Carlos Duparquet, *Viagem na Cimbebásia*, Luanda, Museu de Angola, 1953.

¹² Idem, *Ibidem*.

¹³ José de Almada, *op. cit.*

O relato de Pais Brandão é mais do que a fria descrição militar. Surpreende pela sensibilidade literária, na descrição dos ambientes e a narrativa psicológica combinam com o apontamento militar para nos situar plenamente e com a maior proximidade no clima emotivo do cerco do Bailundo.

"Estavam as coisas assim dispostas e o gentio avançava arrojadamente sem disparar um tiro. Nós como se havia combinado, não romperíamos o fogo sem que os atacantes chegassem a dez metros mas alguém se precipitou e uma peça de fogo estando ainda o gentio a distância superior a quatrocentos metros. Todavia o gentio sem se desconcertar continuou o movimento de avanço, estendendo desde E até NSW, mas sem romper fogo. Depois de ocupar o monte da antiga embala, e do chefe de guerra Mutu Aquebera ter disparado dois tiros, como havia prometido no dia em que o capitão-mor prendeu o soba e mais seculos, é que o gentio avançou até duzentos e cinquenta metros mas sem se descobrir, e rompeu violento fogo sobre a fortaleza"¹⁶.

Entre o relato deste ataque concentrado, das escaramuças e o confronto final na ponte do rio Luvo, Pais Brandão dá o perfil de Mutu-ya-Kevela que, na sua óptica, é sanguinário (castigava com o chicote "ao mais fútil pretexto", até para obrigar a beber aguardente), mandava urinar na boca dos prisioneiros, além de ser " vaidoso e ambicioso". Essa caricatura do inimigo não está à altura da narrativa militar nem da descrição dos ardis e dos combates que afinal não terminaram com a morte de Mutu-ya-Kevela junto ao rio Luvo naquela manhã fria de Agosto.

¹⁶ Pais Brandão, *op. cit.* O Governador Geral numa obra acerca rebelião descreveu os perfis de Paes Brandão e de Mutu-ya-Kevela: "Mutu-a-Quebera, que tem partido do Queve com 3000 homens, arrasa alambiques, plantações, casas, fazendas; o que pode servir-lhe rouba, guarda e consome, o que não pode utilizar destroi e como um temporal assolador leva consigo a ruína e o exterminio (...) Depois da sua morte os fieis debandam. É nesta altura que com a notícia do que a gente do Libolo pensava em aproveitar a oportunidade para se levantar contra a autoridade local e, por este motivo, Paes Brandão, que eu contava ainda poder aproveitar, retira para a sede do seu comando militar" Cabral Moncada, *A Campanha do Bailundo em 1902*, Luanda, Imprensa Nacional, 1903. A punição prosseguiu e a importância política, comparada com a "coluna" de Massano de Amorim ou de Teixeira Moutinho, pode ser avaliada pelos valores apresentados na mesma obra, aqui em anexo.